

tempos difíceis

as pessoas
falam sobre a sua vida
e o seu trabalho

Ilustrações e arranjo gráfico.

André Luz

Autores.

Bruno Monteiro, Emília Margarida
Marques, Inês Brasão, Inês Coelho,
João Baía, João Queirós, José Nuno Matos,
José Soeiro, Nuno Dias,
Nuno Domingos, Sandra Leitão,
e Sara Conceição

Sumário

<i>Introdução: Notícias do «mundo fechado»</i> Nuno Domingos e Bruno Monteiro	5
<i>É fogo que arde sem se ver: os «velhos» operários e a «nova» fábrica</i> Bruno Monteiro	9
<i>Ao som da sirene: a vida no bairro de Santa Maria</i> Inês Brasão	17
<i>O retrato da jovem enquanto trabalhadora: da precariedade à precariedade</i> José Nuno Matos	25
<i>Do entusiasmo à amargura – um percurso na (des)industrialização</i> Maria Inês Coelho e Sandra Leitão	33
<i>«Manipuladora de aves»: a privação da vida</i> Sara Conceição	41
<i>A experiência reiterada da relegação socioespacial perspectivada a partir de um bairro do Porto</i> João Queirós	49
<i>A escolha de Vitória: trabalho doméstico e os equívocos da moral burguesa</i> Nuno Dias	57
<i>No bairro da Relvinha, depois de Abril</i> João Baía	65
<i>Ninguém é desafinado</i> Nuno Domingos	73
<i>A luta de Rita: precariedade, vontade de justiça, um «outro lado demasiado grande»</i> José Soeiro	81
<i>Ser mais do que um robô</i> Emília Margarida Marques	89

M outro
modo
MONDE
diplomatique
EDIÇÃO PORTUGUESA

Título. Tempos Difíceis. As pessoas falam sobre a sua vida e o seu trabalho.

Editora. Outro Modo Cooperativa Cultural

Colaboração Editorial. Agostinho Santos Silva

Organizadores. Nuno Domingos e Bruno Monteiro

Autores. Bruno Monteiro, Emília Margarida Marques, Inês Brasão, Inês Coelho, João Baía, João Queirós, José Nuno Matos, José Soeiro, Nuno Dias, Nuno Domingos, Sandra Leitão e Sara Conceição

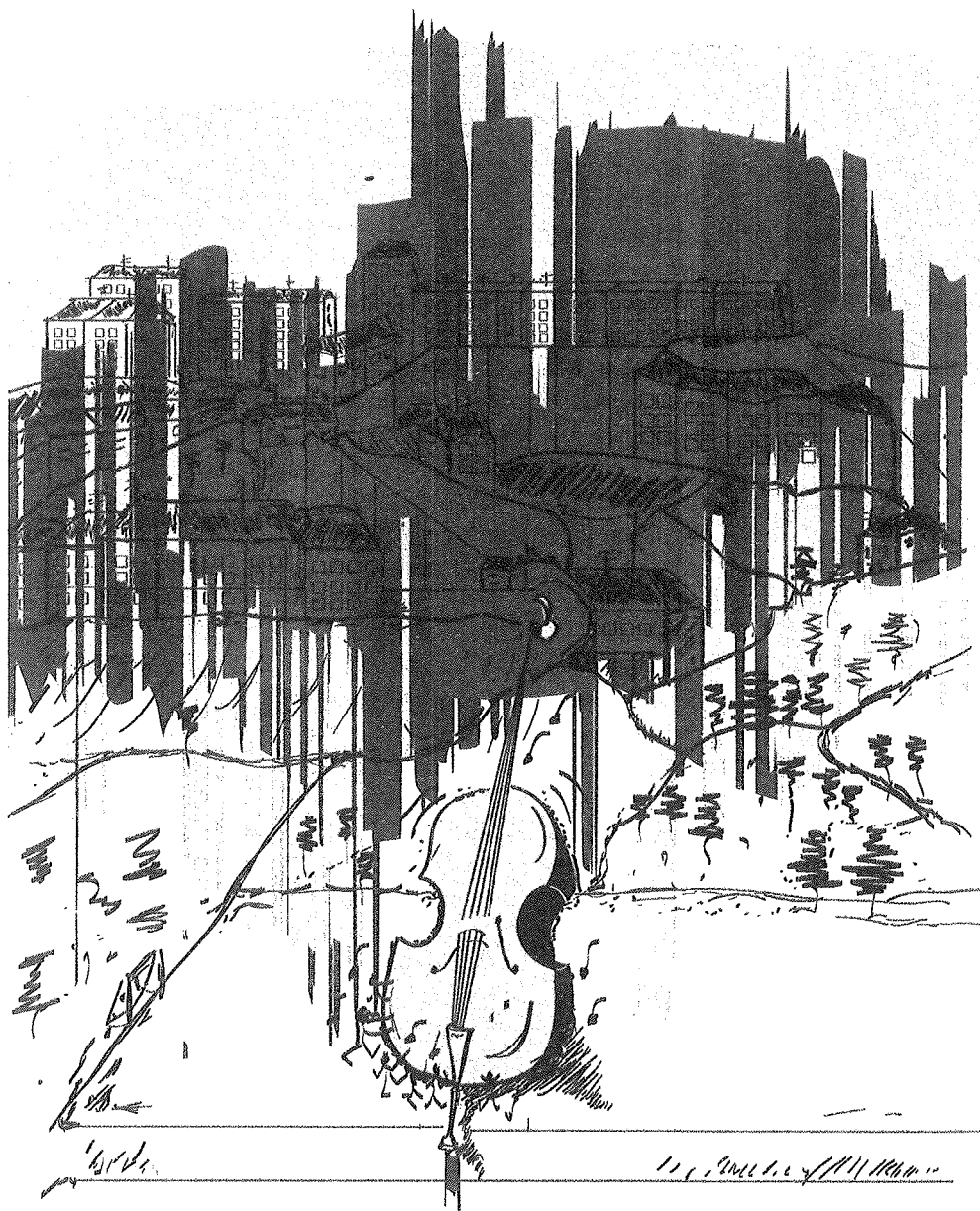
Design e ilustração. André Luz . www.andreluzdesign.com

ISBN. 978-989-95822-3-1

Ninguém é desafinado

NUNO DOMINGOS Investigador em Antropologia Social no Instituto de Ciências Sociais.

Carlos Quintelas começou por dar aulas individuais de piano num Colégio privado em Lisboa. O ensino da música, que não estava integrado na oferta lectiva do estabelecimento de ensino, «era mais para ocupar as crianças com aquela ideia de que as crianças têm de estar ocupadas a fazer actividades. Em vez de estarem no recreio». Muitos dos seus alunos tinham pianos em casa e um contacto prévio com certa cultura musical. Ainda assim, só encontrou uma verdadeira vocação em dois ou três de todos aqueles que ensinou durante dez anos. Centrado no treino para uma audição final, momento de celebração familiar, este era, para ele, «um modelo ligeiro do ensino da música». O piano «tem aquela fama de rei dos instrumentos» e uma poderosa dimensão visual: «há uma associação entre o que se houve e o que se vê». Alguns pais achavam ainda «que se ouvisses muito Mozart irias ser bom a matemática, e os pais punham os pequeninos a ouvir música porque seriam bons a matemática. Perante esta realidade, se queres ensinar música, tens de sair». Quando saiu sentiu-se descontente: «Dez anos é muito tempo, e não há nada, e tu sentes que no fim daquilo tudo... há três alunos que seguiram, sem ser por especial mérito meu». Carlos saiu do Colégio e, por intermédio de uma Associação Cultural, conseguiu um lugar como professor de Música integrado no programa de Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC), programa estatal instituído em 2006, dirigido aos alunos do primeiro ciclo do ensino básico, e que incluía, em alternativa, aulas de Inglês e de outras línguas estrangeiras, aulas de Apoio ao Estudo, de Educação Física, de Expressão Musical e outras expressões artísticas. Foi assim que chegou à Escola Básica do Vale de Alcântara, na zona ocidental de Lisboa. A escola servia fundamentalmente a população do bairro da Quinta do Loureiro, mas também do bairro da Quinta do Cabrinha, os novos bairros para onde foi realojada a antiga população da zona empobrecida do Casal Ventoso¹⁶. Com quinze anos, o estabelecimento tem uma boa estrutura, com salas de aula amplas e «um recreio interessante». Num contexto de precariedade laboral, a experiência na Escola do Vale de Alcântara permitiu-lhe reflectir sobre o modo como o ensino da música podia ajudar a desenvolver o potencial dos alunos, privilegiando a aquisição de competências. Simultaneamente, o seu depoimento ajuda a pensar o papel social da escola, as mudanças que pode gerar, em grande medida sub-exploradas, mas também como muitas vezes o ensino se transforma num mecanismo opressivo, em especial para aqueles que não foram expostos precocemente aos rudimentos da sua linguagem e da sua ética.



André Luz. *Contra o abaixo* (2014)

¹⁶ A propósito da história desta zona de Lisboa, ver Miguel Chaves, *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 1999.

O professor, a escola e o bairro

Eu recebo a recibos verdes, ao dia, se faltar um dia não recebo. À hora. Na altura eram 12,5 à hora, agora na nova escola já é 10 euros à hora. Está a reduzir. Não há vínculo absolutamente nenhum. Quando lá chegámos, chegámos todos de novo (...) eu, na música, uma professora de Inglês, dois professores de Educação Física, uma coordenadora das AEC, também paga pela Associação. Era um corpo à parte.

A primeira dificuldade que encontrámos foi fixar essa estrutura. Houve logo um conflito entre a directora da escola e a coordenadora da AEC, incompatibilidades pessoais, e a coordenadora da AEC acabou por sair. O primeiro professor de ginástica foi um dia e foi-se embora. A professora de dança foi dez dias e foi-se embora. Todos os professores destas actividades tinham sido diferentes, tinha havido saídas a meio, tinha havido conflitos entre os pais dos alunos e um dos professores de Educação Física. As AEC já funcionavam há alguns anos, são do tempo do [primeiro-ministro José] Sócrates, mas não havia sequência, não tinha havido passagem de professores de um ano para o outro, isso nem pensar, e mesmo mantido professores durante o ano lectivo. Essa foi logo a primeira dificuldade. Tu chegas ali e não sentes que tenhas ali algum papel... parte da nossa função é guardar os miúdos, propriamente, guardá-los durante o intervalo, o que permite à escola ter menos funcionários. (...) Esse era o papel que era esperado de nós, ter lá alguém que tome conta dos miúdos até às 17h30, os pais trabalham e tu estás lá e se puderes oferecer qualquer coisa (...). Os professores não se sentem autorizados, depois não se sentem motivados, se aparecer alguma coisa melhor vão-se embora, evidentemente, estás ali num horário curto, «se houver um horário maior vou-me embora», nem se sentem obrigados a ficar até ao fim do ano. Essa razão é importante, o ser mal pago e a desmotivação propriamente pedagógica. Além de que muitos destes professores não estão minimamente preparados para dar as aulas. Eu próprio não tenho nenhuma formação específica, ou é por minha iniciativa que procuro perceber alguma coisa ou não é requerido.

A escola fica na ponta do bairro da Quinta do Loureiro, que é um bairro completamente separado, tem uma estrutura de gueto, não é contíguo a mais nenhum prédio, é delimitado pelos comboios, pelo armazém do Banco Alimentar contra a Fome, e está isolado; há ali umas estruturas, que eram da Associação de Ténis de Mesa, mas que na realidade estão fechadas, não têm uso. Os putos vêm sobretudo da Quinta do Loureiro, da Quinta do Cabrinha, da rua Maria Pia, também de Alcântara, da rua Maria Pia perto de Campo de Ourique, mas mais lá para baixo. A escola tinha cerca de 85 alunos, mais coisas menos coisa, turmas à volta de 20 alunos. Comecei há quatro anos. (...) Chegamos lá, temos uma reunião... e a forma como a escola nos é apresentada pela coordenadora, enfim, no fim da primeira reunião já estava com medo de dar aulas, «porque estes alunos são assim, porque há os pais dos alunos

ciganos que vêm para aqui», depois no ano passado houve problemas, «você não toquem nos alunos». Enfim, há ali uma separação, tu sentes logo uma separação. As reuniões eram sempre num tom de lamentação, «muito bons estão eles para as condições de onde vêm». Sempre num tom «de que nós vamos fazer o que é possível», sempre numa espécie de um esforço, um sacrifício, «nós vamos aqui aguentando», sem o mínimo de optimismo, digamos assim, de pro-actividade, e sem pensar quem são estes alunos, logo em primeiro lugar. Essa foi logo a primeira imagem. Eu fiquei até um bocado aterrorizado.

As primeira aulas foram difíceis. Ensinar música numa turma é bastante difícil. Aquela escola em particular era uma escola que tinha um nível de ruído elevadíssimo. Toda a gente gritava naquela escola. Os alunos gritavam, os professores gritavam ainda mais do que os alunos para os mandar calar. Os funcionários gritavam. O nível de ruído era uma coisa inacreditável. As duas horas que eu ficava lá cansavam-me. Tu vais ensinar música e a primeira dificuldade com que te deparas é que não tens silêncio para ensinar música. E isso é inevitável. É preciso cinco a dez segundos de silêncio, pelo menos, para que eles comecem a pensar em música, comecem a ter um espaço, uma página em branco onde tu possas começar a pensar música. (...) Ao fim de três semanas, verdade seja dita, telefonei à associação a dizer «eu não vou conseguir trabalhar aqui, isto é um nível de ruído, não tenho ferramentas, turmas de vinte miúdos, miúdos muito complicados». Eu digo que não consigo, peço para arranjam uma outra pessoa «que até lá vou aguentando isto». Mas enquanto estou, na minha cabeça, a aguentar aquilo, sinto um certo sentido de missão, estava ali há um mês e vou fazer o mesmo que toda a gente? Toda a gente desiste daqueles miúdos se puder, é difícil. Quando chego à escola no dia seguinte vejo os miúdos a vir ter comigo e penso, «bom...», e lá telefonei para continuar. Nessa altura o grupo solidificou.

Os alunos e os pais

Tinhas miúdos que vinham de famílias muito complicadas (...) Pais jovens, às vezes muito jovens, temos ali mães adolescentes... estamos a falar de pais que muitos, alguns deles, com problema de toxicod dependência com heroína, com problemas de saúde, tinhas inclusive uma ou duas crianças com problemas físicos porque a gestação foi feita com dependências, álcool, muito álcool... racismo, também. A escola não tinha praticamente africanos nenhuns, tem ciganos, e depois tem a classe baixa, mais baixa que podes imaginar, mais baixo do que aquilo não há. Perguntei a certa altura qual era o sonho das miúdas da turma... e era ser cabeleira, ser esteticista, ser empregada de limpeza, eram essas as aspirações. E tu ouvires uma criança de 6 anos dizer que quer ser empregada de limpeza. Essa que me disse isso era das mais inteligentes da turma,

podia ser o que quisesse, ou melhor, empregada de limpeza pode ser, porque é aquilo que ela quer, mas podia ser o quisesse se estivesse noutra ambiente, mas de facto só tinha aquelas aspirações. (...) Pais que não trabalham, rendimento social de inserção, venda de haxixe, mas é dinheiro que também vai num instante porque parte dele vai em álcool, no próprio consumo, e mães que trabalham na limpeza, esteticistas, auxiliares de acção educativa, contínuos, muitos desempregados, pessoal a receber subsídios de doença, também. E alguns que tinham rendimentos do crime, que tu não sabes de onde é que vem, mas percebias que havia ali algumas crianças que tinham outras roupas, (...) vários miúdos que têm os pais presos... é quase um orgulho para alguns, aquela cultura do street, os miúdos do quarto ano já estavam mais preocupados em assumir as posturas do primo e do irmão que estão a vender, do que propriamente posturas de crianças, elas não querem ser sequer vistas como crianças. Isso pode ser igual em todas as escolas mas ali assumindo sempre uma posição de confronto, contigo. Naquela primeira turma de quarto ano, o que me fez um bocado de impressão foi a ausência de vontade, havia ali um amorfismo, de não quererem fazer nada, alguns até não queriam jogar à bola, estilo desistência total... alguns mais obesos. A questão da alimentação é uma coisa muito importante, má alimentação, aqueles açúcares todos, aquelas porcarias que deixam os miúdos num estado ... com menos capacidade de pensar e alguns não tinham vontade nenhuma... A maior parte dos miúdos vai ficar por ali. Aqueles alunos mais bem comportados são aqueles mais separados da comunidade, são aqueles que dizem mal da comunidade... e resguardam-se em casa e não vivem tanto aquilo. (...) Os pais que insistirem com os seus filhos na questão que a escola pode mudar-lhes a vida em termos materiais, se conseguirem perceber isso, esses miúdos vão sair dali, os outros não vão sair dali. Essa sensação de determinismo é de facto... sente-se isso. (...) A certa altura eles próprios sentem que não são capazes, porque há uma décalage, ah «está desafinado», mas ele está desafinado por uma razão muito concreta, porque ainda não sabe fazer isso, não é porque é desafinado. Mas a própria escola quase que assume isso, que eles não vão sair dali. A escola não se integra no bairro. Bairro e escola são dois mundos diferentes... é a própria organização da escola, eu não estou a culpar ninguém, é a própria estrutura da escola, os professores chegam ali e já estão amarrados, estão naquela teia e já não sabem o que fazer.

A porta da escola é uma separação. Os pais não estavam autorizados a entrar na escola, talvez por causa dos conflitos do ano anterior; o resultado é que quando havia qualquer coisa para discutir, discutia-se à porta. Essa barreira de tu estares contra os pais. Essa é a primeira coisa que uma pessoa tem de tentar quebrar. Se alguém vem falar contigo tu vais ouvir os pais, mas ouvir a sério, não é porque tens de ouvir, vais tentar perceber quais são as dinâmicas, porque é que aquele miúdo está a ter aquele comportamento. (...) Não, tu tens de falar. Tem primeiro de se gostar dos miúdos, isso é a primeira coisa... se tu gostares dos miúdos isso passa para os pais, «ai os pais

dos ciganos, os pais dos ciganos», eh pá, todos os pais dos ciganos com que falei tive sempre a maior disponibilidade deles, porque de facto era fácil, eu gostava dos putos, mesmo dos putos que faziam merda. É pá, se eles estão não estão habituados à sala de aula, a estarem quietos, o que vais fazer, não podes estar a forçar os putos às 4h30 da tarde se eles precisam de ir para o recreio, porque eles precisam de ir para ao recreio, pensa-se que eles são mal educados mas eles não conseguem, não conseguem, se tu os vives, sentados, estão a abanar as pernas, abanam as perninhas, porque estão irrequietos. (...) Estamos a falar de aulas das 15h30 às 17h30, os miúdos entraram às 9h, e quando chegam às 15h30 já tiveram uma série de horas dentro de uma sala de aulas, estão irrequietos, cansados, são miúdos que muitas vezes estão mal alimentados, mal alimentados em termos nutritivos, alguns são obesos, vê os lanches, Sumol e essas coisas, e com é que tu vais dizer isso a um pai, o pai tem aquela relação com o filho que «eu é que sei como alimento o meu filho», os professores também não sabem como lidar. (...) A primeira coisa era sair à porta e falar com as pessoas, dizer bom-dia e boa-tarde e não ter medo, porque eles estão ali no gueto parecem muito assustadores mas são pessoas normais, se falares com eles de uma forma normal, se tu os seduzires eles ficam imediatamente do teu lado.

Depois cortámos a violência de uma vez por todas. (...) Tens de assumir: «isto é uma escola pública e aqui não há isso, há em sua casa? Eu não estou em sua casa, aqui não pode ser». Há ali umas fronteiras que não podem ser passadas, a questão da violência, do racismo, acabei por ser mais intransigente. E acho que mesmo nesse aspecto passou-se alguma coisa de bom (...) melhorou o recreio e depois melhorando o recreio melhorou a sala de aula. Ao princípio pensas, «será que posso ir com eles para o recreio, será que tenho autonomia para tomar decisões, ou será que vou ser julgado se fizer alguma coisa». Os próprios professores têm isso, uns com os outros, as tais reuniões são sempre, «vamos lá ver o que é que vão dizer de mim». Portanto se fizeres o que está estabelecido não te chateiam, se correr mal, a culpa não é tua, tu fizeste o que estava estabelecido.

O piano e o método

Guitarras, órgãos, chamavam órgão àquilo, agora orquestras, esquece lá isso, violoncelo, contra-baixos, oboés, clarinetes, nem pensar nisso. Instrumentos de sopro era a flauta, trompete, era os nomes que evocavam para qualquer instrumento que vissem de novo (...). Quando tu de repente estás sentado numa sala de aula com um piano à frente e comesas a tocar, muda tudo. Eles reconhecem-me ali qualquer coisa: «o que é isto?». Mudou tudo. Eles ficam logo impressionados, tu tocas uma nota num piano e o barulho desaparece, é impressionante, começo a cantar umas canções, começamos a experimentar, a ajudá-los a cantar com harmonia, fazendo uns acordes, a coisa começa a engrenar. (...) Implementei um método de um tipo que é o Edwin Gordon... ele

tem um conceito que é a audição... tu podes aprender uma língua, falar uma língua sem perceberes nada do que estás a dizer, ou podes perceber a língua, e a audição é tu perceberes, dares significado musical e isso tem a ver com tu reconheceres padrões tonais e padrões rítmicos em que tu consegues encaixar isso. As comparações com a linguagem são sempre complicadas mas tu reconheces a sintaxe, e podemos falar de sintaxe musical, e tu vais reconhecendo a sintaxe e adquires esses padrões. Os padrões são, digamos, o vocabulário, tu a certa altura, muito cedo, tens os miúdos a improvisar. É um método que tem resultados, começas dez minutos no início da aula a ensinar os padrões. (...) Uma das coisas fundamentais do método é essa individualização, cada aluno é um aluno, fazes a análise do potencial, até que nível de dificuldade ele tem capacidade de aprender. Com o piano foi uma coisa espectacular. De repente os miúdos cantavam muito mais afinados, tinham muito mais prazer, eram eles próprios que exigiam ao colega do lado, mesmo os putos mais rufias, filhos de não sei quem, eram eles próprios que iam cantar as canções e mostrar que conseguiam dar vozes agudas. Começam a engajar, a trazer mais músicas, a pedir para cantar coisas.

Tentava levar sempre o máximo de música para o recreio. Levei a minha aparelhagem para a escola. Mozart, Chico Buarque, Radiohead, tudo aquilo que podia. Dizia aos miúdos para levarem as músicas deles, de tudo. Em termos de repertório muitas coisas são coisas que inventei, pegas numa frase... se estiveres a tocar e fizeres a chamada a cantar, alto ali, pára tudo, tens ali 15 minutos, estás a dizer o nome deles e fazes uma frase, focas logo ali a atenção, ou usas lengalengas e fazes uma melodia com lengalengas. O texto é muito importante mas no caso do ensino desta técnica uma coisa importante é saberem cantar sem texto, para pensarem na altura dos sons e no ritmo e não estarem tão dependentes do texto. Mas depois de eles já terem uma base vais fazendo cada vez mais canções e fiz muitas coisas, usei música popular sem autor, fiz Beatles, fiz Zeca Afonso, adaptei coisas do Mozart, coisas do Beethoven, cantámos Beyoncé, cantámos Shakira, que eram eles que traziam. Houve ali algumas barreiras que fui pondo porque não dá, mas até para eles perceberem que eu não gosto e que isso faz parte. O que é uma aula? A aula é comunicação, eu tenho de estar tão confortável como eles (...). E de facto aprende-se, é impressionante, a quantidade de vezes que se é surpreendido, com perguntas.

Se começas a tocar Mozart fora do contexto dos violinos e da orquestração, aquilo é um melodia, pode ser melhor ou pior. Mas tentei pô-los em contacto com outros timbres. Quando ouvem um coro o que eles pensam: «música de mortos, música das missas.» Tens de levar um coro que não cante assim, levar vídeos, para eles terem contacto com outros timbres, música africana da costa ocidental com koras, samba, tentar o máximo de timbres diferentes que isso é um aspecto pouco explorado no ensino da música, ensina-se muito a altura dos sons, a harmonia, que é a articulação entre a altura dos sons, o ritmo, e o timbre é um bocado esquecido, o timbre que é a cor. O timbre

é um bocado esquecido. (...) Aprendemos cerca de 25 canções, o que é bom. Dava quase uma média de uma semana. Eles sabiam-nas, integraram-nas rapidamente. Além dos vocalizos, de jogos ritmos que fazíamos, dos improvisos, que era uma coisa que os miúdos gostavam muito. Eu digo um padrão e tu tens de responder com um padrão e são eles que estão a lembrar-se e pensam que estão a inventar um padrão mas não estão a inventar padrão nenhum, estão a ir buscar dentro dos padrões que conhecem um que já consideram seu. Nos ritmos pode haver ali às vezes criatividade pura e dura, inferências, mas a inferência tonal é mais difícil, é preciso ter mais vocabulário, ter mais tempo.

A música e o corpo

Toda a gente tem background musical hoje em dia. A música está presente em todo o lado (...). Nunca conheci nenhum aluno que não fosse capaz de cantar afinado. É tu perceberes qual é o problema, há um problema com a voz, de acanhamento, há ali um intervalo que fazem sempre, quando há um problema com a voz, que não é de cabeça. Todos os alunos que tive, todos, eram capazes de cantar afinados. No Vale de Alcântara achei que a propensão rítmica era até maior do que noutros contextos que conheci. Aquilo está relacionado com o movimento, o ritmo está relacionado com o movimento, aqueles são miúdos de rua, chegam a casa e a mãe está ocupada e manda-os para a rua, têm uma cultura de rua, há muito movimento. (...) Esta audição, esta significação, é uma coisa muita física, não é um processo propriamente consciente, é uma coisa corporal. Mas noutros contextos os alunos são mais acanhados fisicamente. Aqui, vais ao recreio e vêes coisas, os miúdos a dar saltos, naqueles brinquedos que há nos parques infantis e os miúdos mais pequenos a tentarem fazer as coisas mais... e deixam-nos fazer isso, nem há supervisão e eles acabam por fazer isso e ganhar outra desenvoltura. Achei que, de facto, estavam fisicamente mais aptos, não tinham é essa capacidade de estar sentados, como é que tu estás sentado a ouvir o som e a pensar o som e depois então a executar um som. A um outro miúdo aquilo até fazia confusão, era assim que eles se exprimiam: «isto faz-me confusão, estar a pensar o som», outros quando punha música puramente tonal tinham reacções emotivas, até exageradas, de chorar. Tem a ver com música que não tem ritmo fixo. Os miúdos ciganos são miúdos altamente físicos, em qualquer sítio por onde andam estão sempre a mexer os braços, é um gesto profundamente musical, estás sempre a respirar. Esses miúdos de facto tinham um prazer em improvisar e quando eu estava a tocar piano eles faziam sempre ritmos [bate na mesa]. Eles têm uma ligação forte e pessoal com a música. Nas elites a música é vivida mais a partir do concerto, tudo mais formal, há o público, há o concerto, vamos ouvir. Os ciganos, há luto, não podes ouvir música, há festas, vais ouvir música, ao vivo, são os primos os irmãos, a música faz parte da vida.

Eu dei-lhes discos, cheguei a gravar discos, música variada, uns ouviam mais, outros queixaram-se, e os pais, «ó professor você pôs lá umas músicas que isto dá vontade de chorar»... Pus lá um nocturno de Chopin. Associavam-se sempre a música clássica, os estímulos da música clássica a algo mais sombrio e mais melancólico, «professor aquela música é muito calminha». Mas por exemplo Zeca Afonso entrou muito bem. Uma das coisas que fiz foi ensinar o Grândola no último ano que lá estive. E a certa altura pensei, isto para os pais skins pode correr mal. Mas pronto, pensei, ensino-lhes e não faço a apresentação daquilo. Mas depois foram os pais que disseram aos miúdos que gostavam muito daquela canção e os miúdos é que me vieram pedir para cantar o Grândola no final do ano. Foi até um momento bastante emotivo, os pais deliraram. Zeca Afonso foi uma coisa que tentei incutir bastante porque tem muita coisa que os miúdos apanham com muita facilidade e é surpreendente, gostam muito, tem letras muito giras. Mas é difícil encontrar músicas com letras engraçadas e com músicas engraçadas e que seja cativante e que ao mesmo tempo não seja chata. É música popular, sobretudo música popular, são coisas que ficam. Continuo a dizer o que disse à bocado, são competências, porque isso não vão esquecer, saber cantar uma quarta perfeita afinado é aquilo que fica, e isso é que é música.

Aquele método nesse aspecto funciona lindamente, a afinação e a capacidade de sentir o ritmo, e de entrares em ritmo transforma-se radicalmente, e transforma-se também num adulto. O método é tudo. Fica sobretudo a atenção, a capacidade de ouvir. E ouvires música e pensares onde é que está a tónica, ou sentires-te confortável com a tónica, que é a nota central de uma tonalidade e consegues logo cantar e entrarem... Isso fica. Há uma incorporação de material novo (...). O que se deve ensinar na primária e o que na música se deve ainda mais ensinar são competências, não é propriamente conteúdos, vale mais a pena aqueles dez minutos de padrões e não fazer mais nada que depois as músicas eles hão-de cantar, do que estar a enfiar músicas que estão a papaguear, e que depois não conseguem transportar, porque assim não ficam com as competências, uma coisa é imitação outra coisa é a tal audição.

Carlos Quintelas lamentou a sua saída da Escola do Vale de Alcântara porque achava «que estava a ter um papel importante» e sentia «que podia fazer cada vez mais». Para o próximo ao lectivo, como refere, pode «estar em lado nenhum»: «A manutenção na escola é essencial, não há volta a dar a isso, não podes estar a mudar de corpo docente de ano a ano, ou de três em três anos ou seja o que for. Tu ao fim do terceiro ano ainda estás a aprender coisas básicas, ainda nem sequer fechou um ciclo numa escola primária, uma turma que entre no primeiro ano e acabe no quarto ano; tu para acompanhares uma turma dessas, para perceberes todas as etapas precisas dos quatro anos, senão há coisas que te vão escapar. Isso é essencial, a questão da estabilidade». ●